

Tudo eu

Tudo eu...Tudo eu...Zé Olímpio, eu estou te devendo algumas palavras de gratidão.

Nos meus 9 anos de Arquidiocesano, convivi muito com Paulo Eduardo. Até hoje, foi meu maior parceiro na vida estudantil (mesmo se eu considerar a universidade). Fizemos Academia do Hudson e Grupo de Teatro juntos éramos mesmo amigos inseparáveis.

Com Mingrone, Piccioli, Pavão, Ubaiara, Severino, Reginaldo, Zero, Landgraf, Paulo Irineu, Euclides, Miltão (agarrava prá caralho!), Álvaro-San (jogava prá caralho), Garrafa, Floro, Altimar, José Amâncio, Reinaldo Leite, Fúlvio Marcio também tive amizade estreita (entre outros, como o Joel).

Já com o Bel, o Perrone, o Chiorino, Jayme, o Adelelmo e o Mon Rô, convivi menos.

Xarles e Tata, são "velhos" novos amigos. Eduardo e Nelson, não os conheci ainda, mas creio que isso se resolverá em breve.

Mas você, caro Zé, ainda me é muito importante, em função do tempo em que morei na Joaquim Távora.

Desafortunadamente, papai havia se casado novamente e eu estava no olho de um furacão louco, pois nunca me relacionei bem com essa nova mulher dele. Eu não gostava de ir para casa, quando ele estava voando (era avião, lembra?).

Você era um molequinho de cabelo espetado que roia as unhas e que usava um óculos de aro de tartaruga, redondinho. Os dois olhinhos ficavam lá no fundo. Tinha um "puta" de um bom caráter!

Na verdade a nossa amizade nasceu no ônibus, pois subíamos no Arqu e descíamos no Biológico, juntos. Como éramos da mesma sala, foi natural que nos aproximássemos.

Saíamos do Arqu e íamos para a sua casa, onde fazíamos lanche (era sua mãe fazia?) e depois íamos para fora de casa, na vilinha...Sentar na calçada e discutir a influência da "caspa na alimentação da baleia vermelha da Maurítânia", ou sobre o jogo do último domingo no Pacaembu, ou ainda para sacanear (de longe) algum professor que nos parecia ridículo (Expedito, Sebastião e Serafim eram os preferidos...). haviam outros "moleques" nessa turma, mas não me lembro deles.

Noite caída, eu literalmente subia o meu Calvário até o prédio (Ed. Doralice) carregando mochila, japona e minha inseparável bola de futebol (que levava numa sacolinha de feira).

Odiava ir para casa, onde a madastra me esperava com grosserias (que aliás, não fazia quando meu pai estava em casa)... Não havia clima para estudar, para abrir um livro. Não fui bom aluno neste período. Passava de ano, sempre raspando.

Nesta época, quanto mais tempo eu passasse na vila com você, mais refúgio eu tinha. Foi assim, graças à bondade da sua família, que nesta época ficamos grandes amigos. E hoje, agradeço penhoradamente. Tínhamos naquele braço de vila, um porto seguro. Era uma cidadela inexpugnável. Fico tentando me lembrar de mais coisas. Não consigo. Lembro também do bailinho na sua casa...Acho que foi meu primeiro bailinho.

Não sei ao certo o que se sucedeu após.

Creio que papai mudou-se para a Vila Mascote (depois do aeroporto) e veio a fase do Círculo Militar. Como sou mais velho, acho que você não entrava no "Mingau". Na domingueira, íamos Paulo Eduardo e eu para a "azaração" adolescente, das 16 às 19:00hs. E quando a gente arrumava uma gatinha era assunto da semana inteira. Quem era sortudo arrumava namorada do Rosário ou do Cristo Rei. Os menos afortunados arrumavam namoradinhas de colégios mais distantes (o Eduardo Prado, por exemplo. No Mingau tocava um conjunto, muito bom, chamado Kompha. Era o máximo.

Porisso, caro amigo Zé Olímpio, da minha parte terá sempre a eterna gratidão.

A vida se desdobrou. Amadurecemos e mudamos muito. Alguns, a gente nem reconhece... Ou (o que é pior) até reconhece, mas com profundo pesar!

Mas por mais que eu tenha mudado, de vida, de cidade, de ideais e de idéias, eu serei sempre um admirador seu e de sua autenticidade.

Um abraço agradecido, irmão.

D de Dalton, 15/10/2009